O MUSEU ESTÁ VIVO (?)
O MOMENTO ATUAL DO MUSEU CÂMARA CASCUDO

Nara da Cunha Pessoa[1]

Resumo

O Museu Câmara Cascudo (MCC), na cidade do Natal, Rio Grande do Norte, foi criado em 1960, como Instituto de Antropologia. Foi o primeiro museu universitário do estado e teve papel fundamental para o desenvolvimento de diversas áreas de conhecimento da UFRN. Ele foi palco de muitas atividades nacionais e internacionais nas décadas de 60 e 70; entretanto, na década de 80, entrou em período de declínio. Neste trabalho analisaremos a importância do MCC para a cidade do Natal e para a UFRN. Serão expostos aspectos atuais do MCC, inserindo-os em questões abordadas pela museologia. Discutiremos os museus, de uma forma geral, como espaços sociais com grande potencial transformador, se voltados para os sujeitos e suas práticas culturais, compreendidas como suas atividades cotidianas.

Palavras chaves: museu, cultura viva, patrimônio, *bricoleur*.

O Museu Câmara Cascudo (MCC), localizado na cidade do Natal no estado do Rio Grande do Norte, foi criado em 22 de novembro de 1960 como Instituto de Antropologia, apenas dois anos após a abertura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (naquele momento ainda Universidade do Rio Grande do Norte). Sua instalação se deu no dia 19 de dezembro de 1961, quando, em sua primeira reunião, ficou traçado o programa de trabalho para o ano de 1962.

O Instituto de Antropologia (IA) foi o primeiro departamento de pesquisa da Universidade e reuniu diferentes áreas, inaugurando seu caráter multidisciplinar. A partir das pesquisas realizadas pelo IA foram desenvolvidas áreas do conhecimento e do saber que fazem parte do quadro de ensino atual da UFRN. Além das pesquisas o IA oferecia cursos de extensão universitária nas áreas de antropologia, arqueologia, etnologia e paleontologia. Em 1965, o IA, recebeu a denominação de Instituo de Antropologia Câmara Cascudo, em homenagem ao primeiro diretor do IA, Luis da Câmara Cascudo, historiador, folclorista, antropólogo, advogado e jornalista brasileiro.

[1] Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN. ncpessoa@yahoo.com.br

Em outubro de 1973, com o compromisso de manter o acervo permanente do Instituto de Antropologia, foi criado o Museu Câmara Cascudo. Em junho de 1974, o MCC foi transformado em órgão suplementar de acordo com a estrutura disciplinar, composta por departamentos e centros, instaurada pela reforma universitária. O antigo IA foi, então, extinto. O MCC passou a ser vinculado ao Departamento de Geociências do Centro de Ciências Exatas e Naturais, tendo organização própria e definida em regimento específico, sendo caracterizado como órgão de ensino, pesquisa e extensão.

Em 1977, houve uma reformulação do Estatuto da UFRN. O MCC, com grande diversificação nas áreas do conhecimento e da pesquisa, abrangendo a Antropologia, Arqueologia, Museologia, Estudos Ambientais, Botânica, Paleontologia e Genética, permaneceu como órgão suplementar da UFRN, vinculado diretamente à Reitoria.

O MCC foi o primeiro museu universitário do Rio Grande do Norte e também o primeiro museu do estado a desenvolver sua atividade diretamente ligada à pesquisa. Em virtude das suas pesquisas na área de antropologia, etnologia arqueologia, biologia e paleontologia, realizadas no litoral e na região do Seridó no RN, o MCC foi referência nacional e internacional. A grande maioria do acervo contido e exposto no Setor de Exposição do Departamento de Museologia do MCC reflete exatamente os resultados das pesquisas realizadas pela instituição.

Além dos cursos ministrados nas salas de aulas que compõem a estrutura do prédio, a instituição realizava intercâmbios de peças para exposição com outras instituições de caráter nacional e internacional. O intercâmbio de profissionais como estagiários, professores e pesquisadores também era constante. O MCC era um exemplo de instituição em plena atividade.

A partir desse breve histórico da criação do MCC é possível percebermos o estado de ebulição no qual vivia a instituição naquele momento – décadas de 60 e 70. Hoje, mais de quarenta e cinco anos depois, podemos dizer que o museu se encontra em um ritmo um tanto o quanto "apático" em relação à sua fase inicial. O objetivo de pesquisar a história do MCC e o seu funcionamento presente é ressaltar a importância desse museu que já foi reconhecido internacionalmente, para a cidade do Natal, assim como para a UFRN.

Compreendemos que os museus são espaços sociais com grande potencial transformador, se pensarmos nesses espaços voltados para os sujeitos e suas práticas culturais, essas compreendidas por suas atividades cotidianas. O museu a serviço da

sociedade, possibilitando um processo de construção da qual os sujeitos participam e por isso lhe atribuem significado, pois o museu lhes faz sentido.

É a partir do entendimento que temos de cultura que iremos justificar o valor do MCC para a cidade do Natal. Entendemos que a cultura existe para além das dualidades tradicionais e buscamos desenvolver o conceito de "cultura viva", que se refere à dinamicidade que envolve as construções materiais e imateriais do homem. Nesse sentido, cabe a pergunta: Qual a relação entre museu e cultura, sendo ambos vistos a partir de novas abordagens que não as tradicionais? É a compreensão dessa relação que pretendemos alcançar neste trabalho.

Reconhecer a importância do MCC e percebê-lo como uma instituição a serviço da sociedade, bem como compreender as suas funções enquanto museu, não se revela algo tão prático quanto a própria definição do que é um museu: "instituições permanentes, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, abertas ao público, que façam pesquisas concernentes aos testemunhos do homem e seu meio-ambiente, os adquire, conserva e os expõem com finalidade de estudo, pesquisa, educação, comunicação e preservação da memória da humanidade". (Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus - ICOM).

Esses aspectos tornam-se extremamente complexos na prática museológica. Tanto o é, que o MCC vem sofrendo nos últimos anos pela falta de verba para manutenção, pesquisas e aquisição de acervo, pela falta de contratação de funcionários especializados, pelo fato de as exposições permanentes se mostrarem ultrapassadas, em sua grande maioria, já que não sofrem alterações desde a época que foram montadas, no final da década de 70, e pela falta de comunicação entre o museu e a sociedade.

A partir de diversos documentos como atas, correspondências, notícias em jornais, etc. referentes ao MCC, assim como por experiência presencial no ambiente da pesquisa, pudemos ter uma idéia inicial de como funcionava e como funciona a instituição, quais são as políticas culturais praticadas e como se dá a gestão do museu.

Hoje, o organograma do MCC comporta três coordenações subdivididas em setores. São elas: 1. a coordenação de Cultura e Museologia que inclui o setor da Reserva Técnica, o setor Pedagógico, a Biblioteca e o setor de Cultura e da Tradição; 2. a coordenação Técnico-científica, incluindo o setor de Paleontologia, o setor de Arqueologia e Pré-história do RN e o setor de Estudos Ambientais e Herbário; e 3. a coordenação Administrativa que abarca o setor Administrativo.

Com verba correspondente a 0,6 por cento do orçamento da UFRN para promover suas atividades, o MCC passa por grandes dificuldades para realizar pesquisas e eventos como cursos, oficinas, palestras, exposições, atividades comemorativas, etc. A verba é administrada pela reitoria da UFRN, sendo liberada mediante a submissão de projetos e a aceitação dos mesmos. Entretanto, a verba mostra-se inferior tanto para a demanda das áreas de pesquisa, quanto para as necessidades básicas de funcionamento da instituição. O museu que foi criado como projeto de extensão das pesquisas realizadas pelo Instituto de Antropologia e que é órgão suplementar da UFRN, parece-nos cada vez mais distante da universidade. São muito poucos os universitários que passam pelo MCC e que realizam atividades integrando a universidade e o museu.

São graves também as circunstâncias para aquisição de acervo, pois a verba destinada para essa função é praticamente inexistente. Dessa forma, as últimas aquisições de acervo foram realizadas mediante doações feitas por artistas potiguares como Luzia e Ana Dantas e Etewaldo que trabalham com a escultura de madeira e a cerâmica respectivamente, a partir de um projeto realizado pela Comissão Pedagógica do museu, da qual falaremos mais adiante.

A falta de contratação de novos funcionários para o museu é outro agravante. A grande maioria dos funcionários tem pelo menos 20 anos que lá trabalham e outro grande número vem se aposentando. Em 1990, esse fato já era uma realidade no museu: naquele ano a marcenaria fechou, pois o funcionário responsável foi aposentado. O MCC não dispõe de lotação para professores ou funcionários. Os pesquisadores, professores e servidores do museu fazem parte do quadro da UFRN e, após muita negociação, são alocados para o museu. No último concurso que houve para funcionários da UFRN, em 2004, o MCC entrou com uma solicitação de dez funcionários, mas apenas conseguiu garantir a entrada de um. Além da necessidade de um número maior de funcionários, há também a carência de profissionais qualificados para assumirem funções mais especializadas na área da museologia, pois quando o museu foi criado, o conhecimento da nova museologia ainda engatinhava em seus primórdios.

Gostaríamos de abrir um parêntese para falar de um projeto do governo estadual que capacitava guias mirins para atuarem em diversos aparelhos culturais, bem como em pontos turísticos. No caso do MCC, os jovens eram responsáveis por guiarem as visitas, dividindo-se com os funcionários do setor museológico para atender ao público. Infelizmente, a verba para o pagamento dos guias foi extinta e atualmente essa atividade

não acontece mais. Como conseqüência temos que os três funcionários responsáveis pela visitação acabam sobrecarregados, no caso de haver uma escola com mais de cinqüenta alunos, além do público particular.

Em uma visita ao MCC é notório o estado de defasagem e carência no qual o museu vive. As exposições permanentes são questão fundamental para serem analisadas e discutidas: a maioria delas foi montada na época da abertura do museu às visitações. Dessa forma, as exposições se encontram defasadas diante do avanço tecnológico que vivenciamos enquanto sociedade. Além da questão da falta de uma releitura expográfica que condiga com o momento atual global, há uma questão ainda mais importante que é a inexistência de cuidados adequados para com o acervo. Dessa forma, muitas peças estão carcomidas por insetos, há o desbotamento das pinturas das réplicas, as placas de identificação são extremamente obsoletas, e outras questões que embora pareçam meramente estéticas são fundamentais para a leitura, assimilação e reflexão feita pelo público a partir da sua visita ao museu.

Atualmente vivenciamos a globalização e utilizamos ferramentas de alta tecnologia na maior parte dos nossos hábitos e práticas sociais: nas formas de diversão, de trabalho, de relacionamento, de necessidades como comer, vestir, dormir, etc. As tecnologias computadorizadas e digitais que permitem novas maneiras de interação, a utilização massiva de imagens visuais nas comunicações e publicidades com o objetivo de obter um alcance maior das mensagens pelo público, o avanço nas formas de informação e notícia que podem ser recebidas em momentos simultâneos em diferentes lugares do globo são alguns exemplos de como as formas de percebemos o mundo mudaram.

Não pretendemos aqui ampliar essa discussão que pode ser melhor compreendida por outros autores que se debruçaram sobre essas e outras questões fazendo uma análise e promovendo um debate maior[2]. O que queremos dizer é que a maneira como compreendemos aspectos da sociedade acima citados vem mudando muito e em um tempo curto. As crianças de hoje não entendem mais as coisas do dia-a-dia como elas eram entendidas em um espaço pequeno de vinte anos atrás porque as coisas mudam, os signos são outros e seus significados também.

Por isso, a discussão da defasagem expográfica do MCC é essencial. A maioria das salas de exposição utiliza técnicas e estruturas de apresentação que não condizem com o momento atual. Por exemplo, enquanto a maioria dos museus utiliza a técnica de

[2] Ver CASTELLS, 1999.

plotagem para escrever referências do acervo, informações do artista ou textos complementares de uma exposição, o MCC utiliza cartolinas velhas e desbotadas (na maioria das salas que nunca foi modificada). Essa é uma discussão que ultrapassa as questões puramente estéticas sobre o que é mais "bonito" e o que é mais "feio", e se refere à comunicação visual que deve haver entre as exposições e o público.

A questão da expografia nos leva a um outro ponto de enorme relevância quando tratamos de museus: a comunicação entre o MCC e o público, ou, de uma forma mais ampla, a relação entre museu e sociedade.

O MCC recebe atualmente a visitação diária de escolas principalmente públicas vindas de vários municípios do estado do RN. Segundo os funcionários do setor museológico do MCC (setor encarregado de acompanhar as visitações) e os cadernos de freqüência, podemos dizer que, de forma geral, esse é o público mais freqüente no museu. As escolas particulares da cidade já não têm a mesma assiduidade. A visitação individual (aquela que não é feita por um grupo específico, como escolas, excursões, pesquisadores, etc.) é mais rara e até mesmo a visitação turística não acontece com tanta freqüência. Os funcionários nos relataram que muitos visitantes já foram ao MCC achando que encontrariam a casa de Luis da Câmara Cascudo, ou o museu do folclorista, e sairam de lá decepcionados. Houve caso em que depois de terminada a visita, o visitante pediu explicações e o seu reembolso (algo irrisório, já que a entrada para o MCC custa apenas dois reais – R$ 2,00). Atualmente, os guias explicam antecipadamente o que é o MCC para que não aja maiores equívocos.

A inexistência de um turismo cultural na cidade é outro ponto carente, e foi assunto já nos anos 1990. Segundo matéria do jornal local Tribuna do Norte[3], o turismo cultural interessaria aos visitantes de Natal, mas os roteiros das agências não contam com os museus da cidade. Para o então diretor do MCC, o professor Claude Luis Aguiar Santos, as visitas poderiam aumentar, caso o MCC estivesse nos roteiros das agências, como um dia chegou a constar. Um dos motivos que levou o museu a ser retirado dos roteiros, acredita o diretor, foi o pouco tempo que os pacotes turísticos oferecem, tempo insuficiente para a visitação de um museu como o Câmara Cascudo. Ainda hoje existe uma mobilização para que as instituições que formam o aparelho cultural do estado do RN sejam incluídas nos roteiros das agências de turismo e mesmo na divulgação da própria Secretaria de Turismo do estado.

---

[3] Tribuna do Norte, Segundo Caderno, Natal-Rio Grande do Norte, 21 de janeiro de 1996.

Podemos, portanto, dizer que falta algo na relação entre o MCC e o público. Quando iniciamos a nossa pesquisa, chegamos a levantar a seguinte hipótese: não será o atual estado do setor museológico do MCC, um reflexo das propostas anteriores, que vêm da época da criação do Instituto de Antropologia? Ou seja, parece-nos que primeiramente a missão do IA era a pesquisa e a capacitação de alguns setores da sociedade, através dos cursos de extensão que oferecia. O museu veio alguns anos depois com a proposta de expor o material coletado nos projetos realizados pelos departamentos de pesquisa da instituição. Entretanto, não havia um setor ou um profissional responsável pelas funções de reorganizar as salas de exposição, dinamizando a disposição do acervo a partir das novas perspectivas museológicas e também sociais, ou de pensar na conexão recíproca que deve haver entre o material exposto e o olhar do visitante.

Em nossa pesquisa nos deparamos com documentos da década de 1980, mas precisamente com a 50ª ata de reunião dos professores do MCC, realizada a 1º de outubro de 1984, na qual o professor José Crispim[4] chama a atenção para a prioridade dos cursos de extensão a serem ministrados pelos docentes do MCC, argumentando que esta atividade aliada à pesquisa, constitui uma das diretrizes da Instituição. Por um outro lado, na mesma reunião se tem a exposição de um projeto de reestruturação do MCC. Segundo o documento, o estado do museu naquele momento era de séria crise, a qual punha em risco o acervo pertencente à instituição, além de provocar um descrédito de seus docentes junto à comunidade universitária e a população de maneira geral. Nessa reunião, a professora Wani Fernandes Teixeira[5] faz um apelo para que os professores visitassem principalmente o setor de exposições, e confirmassem a situação em que o museu se encontrava.

Guiando-se pelas necessidades mais urgentes do MCC, o projeto de reestruturação tinha como meta principal recuperar o setor de exposições, tendo como base o levantamento das condições desse setor, feito pelos professores Raimundo Teixeira da Rocha, Maria do Socorro de Oliveira Evangelista (coordenadores do setor) e Wani Fernandes Teixeira, no qual foi constatado a necessidade de medidas urgentes a serem tomadas para reorganizar e inovar as salas onde estavam expostos os acervos do MCC. Para este fim, se fazia necessária a atuação e colaboração de todos os departamentos do museu, que deveriam elaborar exposições alternadas sob a orientação da coordenação do setor museológico. Segundo a professora Wani Teixeira, essas

[4] Professor da UFRN e pesquisador do Museu Câmara Cascudo.
[5] Professora do Departamento de Educação da UFRN, ex-vice-diretora do Museu Câmara Cascudo.

exposições ampliariam as opções de material a ser exposto, favorecendo a dinamização do museu, servindo como recurso didático da maior importância e, conseqüentemente, ampliando a procura de visitantes. Essas exposições alternadas seriam acrescentadas às exposições permanentes.

Tomando como base os fatos apresentados podemos notar que, desde a década de 1980, começa a haver uma intensa preocupação com o setor museológico do MCC. Sobre isso, concluímos que, talvez essas ações não tenham ocorrido na fase de inauguração do museu, mas que com o passar dos anos, com a necessidade de manutenção, renovação e dinamização do setor de exposições, essas preocupações tenham passado a existir como verdadeiras exigências para a própria existência do museu.

Quanto ao projeto de reestruturação do museu, ele nunca foi realizado. O projeto foi levado ao MEC – Ministério da Educação e da Cultura, mas não foi iniciado por não haver rubrica que abarcasse o mesmo.

O que podemos constatar hoje, na maioria das salas do MCC, são exposições descuidadas, sem vida, sem cor e defasadas tecnologicamente. Entretanto, apesar de todas as dificuldades que o museu apresenta, principalmente financeiras, algumas das salas expositivas foram modificadas e reestruturadas, graças à dedicação e ao empenho de alguns profissionais. Toda a ala da etnologia foi modificada, incluindo as seguintes salas:

- a sala dos "Sítios Arqueológicos do RN";
- a sala de "Arte Sacra do século XIX e Arte Popular do RN" reorganizada a partir do projeto "Santeiros e Devoções do RN", desenvolvido entre os anos de 2000 e 2002 pela professora Wani Teixeira que pesquisou os santeiros - pessoas que edificam santos e peças religiosas - no interior do estado;
- a sala dos "Mamulengos e João Redondos do RN", fruto do projeto de pesquisa e extensão, "Dadi, uma face feminina no teatro de bonecos do RN". Esse projeto foi procedente e posterior ao projeto "Santeiros e Devoções do RN". Dona Dadi foi descoberta pela UFRN nessa pesquisa e, segundo se sabe, ela é a única mulher do estado que trabalha com o mamulengo. Atualmente, pode-se conhecer um pouco da arte de Dona Dadi no MCC;
- a sala "Arte e Religião Afro-brasileira".

Podemos então nos questionar: se o MCC foi criado principalmente com a pretensão de expor o seu acervo oriundo das pesquisas realizadas por seus pesquisadores, porque que as exposições não foram sendo renovadas à medida que novas pesquisas eram sendo realizadas e novos projetos eram sendo implantados? Com exceção das salas que compõem a ala da etnologia, citadas acima, nenhuma outra sala expõe os resultados das pesquisas realizadas pelo museu.

Outro trabalho importante que nos cabe destacar no momento atual do MCC é o surgimento da Equipe Pedagógica. Esse grupo formou-se em 2005, a partir da iniciativa do então diretor do museu, o professor Jerônimo Rafael de Medeiros, e foi composta inicialmente por cinco funcionários do museu: Jorge Tavares, Jailma Medeiros, Silena Rocha e Silva, Mario de Carvalho Filho e Maria da Salete Silva. Hoje, a Equipe Pedagógica conta com mais duas integrantes: Maria das Dores Melo e Jussara Galhardo.

Quando formada, o objetivo inicial da Equipe Pedagógica era desenvolver um trabalho voltado para as escolas, direcionando suas visitas. Para alcançar tal propósito a equipe é responsável por montar previamente o calendário de atividades para o ano seguinte. Para tanto, a equipe deve entrar em contato com escolas, tanto públicas quanto particulares, da cidade do Natal e de outros municípios, se comunicar com artistas que venham expor na sala de exposições temporárias e profissionais que irão palestrar ou ministrar oficinas.

Na medida em que os trabalhos se desenvolveram, novas idéias surgiram dentro da Equipe Pedagógica. Uma delas foi o projeto "Nossos Artistas", um resgate dos artistas populares do Rio Grande do Norte, mais especificamente, a arte de Luzia e Ana Dantas e a arte de Etewaldo[6]. A partir desse projeto foram realizadas exposições desses artistas no MCC e peças foram doadas para o acervo do museu. Além disso, com muita dificuldade a equipe conseguiu publicar um catálogo de cada exposição, os quais só possuem um exemplar, devido à falta de verba suficiente para o lançamento de uma edição.

A questão da falta de verba é uma constante para a Equipe Pedagógica. Eles trabalham basicamente com parcerias. As oficinas, palestras e exposições oferecidas são realizadas em acordo com o artista ou profissional que oferecem o trabalho em troca de maior visibilidade. A divulgação das atividades do MCC se dá pelo site do IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e também por jornais e rádios

[6] Artistas populares do Rio Grande do Norte.

locais que dedicam um espaço às atividades culturais, assim como pelos meios de comunicação da UFRN: a rádio Universitária 88,9 FM e a TV Universitária – TVU.

O que podemos compreender diante das informações reveladas? Em quais pontos podemos questionar a relação entre cultura, museu e sociedade? Como pensar essa indispensável relação? E por que ela se faz indispensável? Seguiremos expondo e nos apropriando de alguns conceitos que devemos ter em mente para que possamos dar os primeiros passos nesse complexo campo que é o da cultura e sociedade.

Primeiramente devemos dizer que utilizaremos a noção de "cultura viva", a qual se refere à dinamicidade e constante renovação dos processos culturais. Nesse sentido, este trabalho se encontra mais próximo do que Lévi-Strauss chamou de *bricoleur* – onde entendemos que podemos atribuir novos significados continuamente a qualquer elemento que tenhamos próximos de nós, já que os signos é que dão sentido à cultura: os signos criam os significados, sendo a cultura uma criação imotivada.

Lévi-Strauss diz que "o *bricoleur* é o que executa um trabalho usando meios e expedientes que denunciam a ausência de um plano preconcebido e se afastam dos processos e normas adotados pela técnica." (p. 37). Podemos dizer que a cultura é um processo que se desenvolve de forma semelhante ao *bricoleur*. Na cultura não há uma diretriz estabelecida que determina as ações para que se chegue a um resultado pré-estabelecido. Os processos culturais se dão de forma natural, entretanto não acontecem aleatoriamente, já que na apropriação dos signos há uma rede de imbricações, na qual todas as linhas dessa rede estão conectadas, seja em maior ou menor grau.

Todavia, ao analisarmos os conceitos de cultura nos deparamos com uma heterogeneidade de noções estabelecidas. Segundo Edgar Morin, "nossa sociedade é policultural: há a cultura das humanidades, nutriz da cultura ilustrada, a cultura nacional, que alimenta e exalta a identificação com a nação, as culturas religiosas, as culturas políticas, a cultura de massas." (MORIN, 1999, p.79). Afinal, de que cultura estamos tratando?

Não estamos trabalhando com a noção de cultura sendo algo estabelecido e cristalizado, ou a noção de duas culturas antagônicas, havendo uma melhor e outra pior, uma boa e outra ruim. Nesse sentido, consideramos a cultura como um "sistema" que comunica, em forma dialética, uma experiência existencial e um saber constituído (MORIN, 1999).

Para Morin, há duas abordagens que definem o caráter global da cultura. A primeira é a que vai procurar o código, a estrutura nos sistemas culturais, e a segunda se

refere aos aspectos existenciais do homem: “se é preciso encontrar um sentido na noção da cultura, é sem dúvida o que ligaria a obscuridade existencial à forma estruturante.” (MORIN, 1999, p. 77). Segundo o autor, a oposição repulsiva entre essas duas abordagens, desloca a problemática da cultura.

A partir de uma outra abordagem Zygmunt Bauman traz a metáfora da *fábrica de ordem* para mostrar como a noção de cultura foi cunhada e, em muitos casos ainda o é. A metáfora se refere ao fato de a cultura por muito tempo ter sido concebida como se nela cada elemento tivesse uma função a cumprir e nada fosse deixado ao acaso, como se um choque entre os elementos só pudesse provir de um erro no planejamento, uma deficiência. Pensava-se cultura como se nela cada elemento devesse desempenhar uma função útil para a manutenção do modelo de ordem concebido.

Contudo, na cultura, diferentemente do caráter repetitivo que assumiu a tecnologia moderna, nenhum ato humano é uma reprodução precisa, uma cópia idêntica ao modelo já produzido. Cada vez que algo é reproduzido, este algo possui características originais, tornando-se uma versão única de tal coisa. Portanto, os modelos estão em contínua transformação. E, não se pode distinguir o autor do agente, pois espera-se que cada membro seja um pouco dos dois.

Uma outra característica da cultura, que segundo Bauman se opõe ao modelo das *fábricas de ordem* é que, é no consumo da cultura e nas condições de autor e agente que o que é cultural adquire sentido. É aí que os signos ganham ou perdem significados, quando são consumidos, ou não. Por essa razão, Bauman diz ser útil pensar na cultura tal como no mercado, como um local do jogo de oferta e procura. No mercado há um excesso de oferta sobre a procura existente, a qual somente no momento da compra satisfaz o potencial de mercadoria. E na cultura, há um excesso de signos “que somente na atividade de seu uso e consumo têm uma probabilidade de satisfazer o seu potencial significativo, ou seja, de transformar-se em *símbolos culturais*. Os significados são escolhidos pelos sinais, em vez de o contrário. Nessa circunstância, a *não-instrumentalidade* essencial, o caráter imotivado dos fenômenos culturais revela-se.” (BAUMAN, 1998, p. 172)

Portanto, aproximando as idéias desses três autores, compreendemos que é o caráter dinâmico da cultura bem como a sua potência de renovação, a partir do uso ou do desuso de elementos e signos à disposição da humanidade, que nos possibilita entendê-la como algo vivo, algo que se “consome”, que se vivencia e que, dessa forma, está em constante renovação e também (porque não?) manutenção.

Para recuperarmos nossa análise inicial do Museu Câmara Cascudo, é necessário levantarmos a seguinte questão: como aplicarmos esse conhecimento - teórico, pelo menos neste trabalho - aos museus de uma forma geral? Primeiramente propomos uma analogia entre a compreensão que chegamos de cultura e os museus. Assim como a cultura, os museus devem ser dinâmicos, renováveis e vivos, na medida em que são "usados" e na medida em que seus signos são "consumidos". Quando não se tem isso em um museu, podemos apontá-lo como um "museu morto".

Em segundo lugar precisamos entender qual a função dos museus. Colocamos anteriormente que reconhecer a importância dos museus para a sociedade bem como aplicarmos os conhecimentos adquiridos na prática museológica não é algo tão simples quanto assimilarmos sua definição. Afinal, a teoria e a prática nunca serão uma única coisa, mas devem andar sempre de mãos dadas. Portanto, é necessário apreendermos as novas idéias e visões que surgem na museologia a partir da década de 70.

Os museus vêm, desde então, deixando de ser concebidos apenas como espaços de contemplação, de conservação, e guardiões das artes e da cultura. A nova definição de museu dada pelo ICOM (citada no texto anteriormente) amplia o conceito de museu tanto no que diz respeito aos bens móveis quanto aos bens imóveis, e passa a incluir todos os centros: os institutos de conservação e galerias de exposição dependentes de Arquivos e Bibliotecas; os lugares e monumentos arqueológicos, etnográficos e naturais e os sítios e monumentos históricos, que possuem a essência de um museu por suas atividades de aquisição, conservação e comunicação; as instituições que apresentam espécies vivas tais como jardins botânicos e zoológicos, aquário, viveiro etc.; os parques naturais, os arqueológicos e os históricos; os centros científicos e planetários. (ICOM)

A nova museologia despreza o interesse centrado no objeto e dá lugar a um novo conceito de museu, entendido como um instrumento necessário ao desenvolvimento da sociedade. Da idéia de objeto como valor artístico, arqueológico, etnográfico e histórico, chega-se à valorização do objeto como documento e reflexo de uma sociedade e de uma cultura. Assim, o conceito de patrimônio se estende além do puramente material, que caracteriza a política de aquisições dos museus, e inclui os mitos, poesias, canções e danças.

Os museus passam a se caracterizar por uma dupla responsabilidade: a de preservar a integridade do objeto como elemento de nosso patrimônio e a de contribuir para a evolução da sociedade, trabalho que deve realizar através da investigação e da

missão educativa. O verdadeiro papel do museu na sociedade atual deve ir muito além de sua coleção, seja ela qual for.

> "A nova museologia, disciplina aplicada à realidade dos museus, postula a premente necessidade do ingresso não de uma parcela, mas de todos os segmentos da sociedade à atmosfera do museu, bem como a entrada e a proteção do patrimônio, de forma global, em um cenário – museu que extrapola suas portas e busca outras realidades." (VERGOLINO, 2006).

> "Museus orientados por uma política cultural em que educar não é apêndice, mas sim preocupação central e, sobretudo, que essa preocupação esteja dialeticamente inserida na instituição, sem se limitar a uma atividade pedagógica formal (visitas guiadas, cursos, vídeos, etc.), assumindo uma postura sensibilizadora e, portanto, conscientizadora." (SEGALL, 2001, p. 63).

> "A lembrança é possível porque o grupo existe, o esquecimento decorre de seu desmembramento. Entretanto, para ser verificada, a memória necessita de uma referência territorial, ela se atualiza no espaço envolvente." (ORTIZ, 1994, p. 75).

> "... preservar tem a ver com o uso dos bens preservados, e aí está o desafio atual em todas as áreas de preservação do patrimônio cultural e ambiental. Nesse sentido, preservar tem muito a ver com a reconciliação do indivíduo com seu entorno, seu ambiente e sua cidade. Não basta, por exemplo, tombar e conservar um imóvel histórico se, pelo seu uso, o cidadão não encontrar pertinência no seu local de moradia. No âmbito urbano, a idéia de reconciliação do indivíduo com sua cidade deveria estar presente em todas as ações de preservação. No entanto, a alienação entra nisso tudo." (SEGALL, 2001, p. 70).

> "A valorização do patrimônio cultural brasileiro depende, necessariamente, de seu conhecimento. E sua preservação, do orgulho que possuímos de nossa própria identidade." (CUSTÓDIO *apud* QUEIROZ, 2006).

Sobre a cultura, nos questionamos: como separá-la de todo o resto da vida humana, se ela, a cultura, desenvolve-se, transforma-se, e atualiza-se na mesma direção que o ser humano? Se os nossos patrimônios materiais e imateriais, nossa memória, nossos códigos, nossos saberes, tudo isso é a nossa cultura?

E o museu é a instituição que pode contemplar todos os aspectos da cultura. E mais do que isso, o museu pode mantê-la viva, para que a cultura se renove, se atualize, ao mesmo tempo ele pode preservar sua memória. Mas para tanto, é necessário primeiro que o museu esteja vivo, que ele esteja em pleno funcionamento, realizando atividades com as comunidades e dialogando com as mesmas.

> "Abre-se, assim, a possibilidade da própria revitalização da memória que, de forma generalizada, é a base para a construção das identidades, para a consciência do indivíduo, pessoal e coletivamente, compondo uma das formas mais eficientes para o resgate do passado, ligando-o ao presente e ao futuro" (VERGOLINO, 2006, sobre a revitalização e reciclagem das áreas centrais das cidades e o conseqüente ingresso do homem e do objeto no cenário institucionalizado, o Museu).

São diversas as problemáticas que envolvem um museu. Uma instituição como o Museu Câmara Cascudo, que já foi instrumento fundamental para o desenvolvimento da UFRN, bem como capacitou muitos profissionais, além de ser reconhecido internacionalmente graças ao seu investimento em pesquisas na área da antropologia, etnologia, paleontologia e arqueologia, hoje passa despercebido para as autoridades e a sociedade. Podemos concluir que não há uma comunicação entre o MCC a sociedade do Natal.

Como poderíamos transformar esse quadro? O que pensar enquanto estratégias de ação para o MCC? A quem recorrer? É possível deixar que as iniciativas sejam tomadas isoladamente por grupos de profissionais mais sensíveis a essa problemática? Entendemos que, acima de tudo, esse é um trabalho de gestão museal, mas que necessita poder contar com o apoio da UFRN, que no passado foi sua companheira de trabalho, e também buscar outras formas de incentivo através de projetos independentes.

Não pretendemos finalizar este trabalho com uma solução mágica para o MCC. Até porque o que foi sugerido acima não se conquista assim tão facilmente. Mas acreditamos que apresentar o MCC em outros lugares, que não os mesmos círculos, como universidades, congressos, seminários, levantar questões pertinentes ao museu, pensar e sugerir algumas propostas é dar vozes ao grito de um museu que quer viver.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *O Mal Estar na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura,* v.1). 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. São Paulo: Nacional, 1976.

MORIN, Edgar. *A Cultura de Massa no Século XX: O Espírito do Tempo 2 – Necrose*. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

QUEIROZ, Moema Nascimento. A Educação Patrimonial como Instrumento de Cidadania. *Revista Museu on line*, 2006.

SEGALL, Maurício. *Controvérsias e Dissonâncias*. São Paulo: Edusp, 2001.

VERGOLINO, Paulo Leonel Gomes. Belém do Pará – Museu a Céu Aberto. *Revista Museu on line*, 2006.

www.icom.org.br

www.revistamuseu.com.br